

## Editorial

**A** seção ARTIGOS desta edição é integrada por oito trabalhos científicos de variadas procedências que, se de imediato sugerem uma diversificação de temas, após um exame mais detalhado, podem ser agrupados segundo duas vertentes de interpretação da arquitetura, considerada em perspectiva analítica e crítica, a constituírem a sustentação de uma razão de ser para a sua existência social e cultural.

Por um lado, temos uma visão cultural, na qual a memória e a identidade são os elementos a determinar a forma de aproximação à arquitetura e sua legitimidade como forma de pensar, e pensamento mesmo, da sociedade. Os artigos que trilham esse entendimento são os de: Lúcia Leitão, professora da Universidade Federal de Pernambuco; Jorge Granados e Claudia Fuertes, do Centro Metropolitano de Arquitectura Sustentable (México); Cristiane Gonçalves, professora da Universidade Cruzeiro do Sul e Eugenio Mercado, professor da

Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo (México).

Por outro lado, temos a temática da construção, que envolve desde as técnicas construtivas e o desenvolvimento tecnológico que as acompanham, base material da construção em si, até as tipologias arquitetônicas utilizadas para viabilizar as construções em sociedades concretas, que respondem à relação entre construção e as formas do habitar. Nessa linha de pensamento encontram-se os artigos de: Manuel Kalisch, professor da Faculdade de Arquitetura da Universidad Autónoma de Yucatán (México); Sunao Kishi e Célia Meirelles, professores da FAU-Mackenzie; Paulo Borzani e Wendie Requena, professores da Universidade de Guarulhos, UnG, e Ana Paula Koury, professora da pós-graduação da USJT.

A seção PROJETO traz a público a especulação conduzida pelo arquiteto e fotógrafo Antonio

Gama e pelo Mestre em Arquitetura Franklin Ferreira sobre a exposição “Um olhar sobre Rem Koolhaas” de autoria do primeiro.

Na seção PONTO DE VISTA apresenta-se a posição estimulante de Maria Isabel Villac, professora da FAU-Mackenzie, no exame de estratégias alternativas aos modelos convencionais de planejamento e projeto urbano. Completa esta seção o texto de Herman Barrera e María Eugenia de Castro, professores da Universidad Autónoma Metropolitana - Xochimilco, em que os autores questionam a retórica de certos discursos relacionados aos temas ambientais da atualidade.

Finalmente, na seção EM FORMAÇÃO apresentamos dois trabalhos de pesquisa bem fundamentados em que participa a professora Sara Eloy, que desenvolve sua atividade no Instituto Universitário de Lisboa, e dois de seus orientandos, José Silva e André Cruz, tratando respectivamente dos temas: arquitetura cinética e tecnologia digital.

No primeiro artigo, *Dora, uma arquitetura para sonhar*, Lúcia Leitão perscruta o sentido do fazer arquitetônico como demanda psíquica de natureza inconsciente, como manifestação primeva que antecede qualquer formulação teórica do campo disciplinar da arquitetura. A autora parte da narrativa do sonho de Dora, paciente de Freud, na qual a cena descrita está indissolivelmente ligada ao espaço em que transcorre (a rua, a praça, o quarto, a casa). O propósito é indagar a respeito

do motivo condutor da concepção da arquitetura. À afirmação de Freud de que ‘*a casa é um sucedâneo do útero*’, a autora correlaciona a proposição de Olivier Marc, para quem a experiência uterina teria deixado impresso no inconsciente um modelo a ser reproduzido ao se conceber a cabana primitiva. Uma instigante cadeia de relações e indagações se segue a partir dessas enunciações. O sonho narrado e a ideia de espaço que lhe é inerente permitem discorrer sobre o movimento como apropriação do espaço. À luz da psicanálise, a autora retoma Michel de Certeau (autor que também será tratado por Villac na seção Ponto de Vista) e seu entendimento de que a locomoção é uma demanda psíquica e faz de cada espaço uma experiência subjetiva, sem a qual não seria possível definir a arquitetura. Finalmente, a associação entre narrativa, apreensão do espaço e memória involuntária remete a John Ruskin, que estabelece uma estreita relação entre memória e arquitetura, ao afirmar que ‘*nós podemos viver sem ela, orar sem ela, mas não podemos rememorar sem ela [a arquitetura]*’.

No texto *Paisajes recuperados de los territorios perdidos: identidades y apropiación en la migración*, os pesquisadores Jorge Granados e Claudia Fuertes exploram o tema da migração, sempre presente na trajetória do povo mexicano, assim como seus reflexos na constituição de uma identidade extraída da terra, associada aos lugares de origem e destino desse deslocamento, moldada pelo imaginário habitado por figuras míticas. Assinalam

que a perda física de seus territórios e paisagens é aspecto relevante a compor esse imaginário e a condicionar um processo de reconstrução dos territórios perdidos como meio de superar tanto o desenraizamento associado à migração, quanto a privação das terras que passaram ao domínio dos Estados Unidos. Com essas reflexões, os autores pretendem evidenciar o trabalho dos seus conter-râneos que, ao reelaborar a identidade mexicana no seio da sociedade estadunidense, vislumbram a construção de uma nova realidade que suscita interesse de investigação.

O artigo de Cristiane Gonçalves, Diamantina: breve relato de sua formação, trata das circunstâncias relacionadas ao surgimento e consolidação urbanística da cidade de Diamantina, cujo conjunto urbano foi tombado pelo IPHAN em 1938 e listado como patrimônio mundial junto à UNESCO em 1999. A autora faz uma apreciação de como o traçado da cidade foi se moldando, ao longo dos séculos, com base em documentos cartográficos e descrições de viajantes. Apoiada em Vasconcellos e Machado Filho, a autora reconhece “o ritmo e a maneira com que se organizaram as relações hierárquicas administrativas da Coroa portuguesa”, entre os traços peculiares do povoado. É importante assinalar que a discussão proposta por Gonçalves tem como pano de fundo a ação do SPHAN no período de sua criação, a sua posição de guardião do patrimônio cultural nacional e a dimensão ideológica que orienta aquela política de preservação. Uma ação que, como ressalta a

autora, recorrendo a Márcia Chuva, está voltada à construção de uma identidade nacional, de uma história ‘remota’ e ‘originária’, e que possibilita, ‘ao distanciar-se do presente, construir heróis nacionais e uma origem pura’.

A partir da inclusão de diversas cidades mexicanas na Lista do Patrimônio Mundial, Eugenio Mercado, em *Políticas públicas en ciudades mexicanas patrimonio mundial: el caso del Centro Histórico de Morelia*, aborda o papel do Estado Mexicano na implantação de políticas públicas caracterizadas pelo predomínio do investimento em ações orientadas ao aproveitamento turístico daqueles sítios. O autor assinala que o impacto dessas ações na dinâmica da vida local tem sido considerável, sob os pontos de vista econômico, social ou cultural, o que indicaria a necessidade de perseguir uma maior interação entre os órgãos de tutela e a população. O caso de estudo é a cidade de Morelia, incluída na Lista do Patrimônio Mundial em 1991. Já passadas duas décadas da aquisição desse *status*, o autor conclui ser necessária uma séria revisão desses instrumentos para, de um lado, conter a excessiva especialização de funções, no lugar da diversificação desejável, e, de outro, evitar o despovoamento e a segregação dos bairros tradicionais.

Em *Los antecedentes tecnológicos hispanos en la arquitectura religiosa virreinal de Yucatán*, Manuel Kalisch expõe os componentes tecnológicos ibéricos usados na arquitetura tradicional da penín-

sula de Yucatán, no México, que contribuíram de modo significativo para configurar uma tradição construtiva reconhecível nos conjuntos paroquiais do período colonial. O autor apresenta as práticas construtivas adotadas por religiosos e leigos, como substrato de conhecimentos próprios da edificação dos conjuntos religiosos na península, sobre os quais se tem informação documental. Discorre sobre os sistemas construtivos hispânicos implementados na região, realizando uma série de considerações sobre as técnicas e os materiais empregados, assim como sobre as ferramentas e as unidades de medição na época do vice-reinado.

O trabalho de Sunao Kishi e Célia Regina Moretti Meirelles, *Inovação e tectônica na concepção de grandes coberturas na arquitetura contemporânea*, tem o interesse de focar a “análise das técnicas construtivas aplicadas às coberturas contemporâneas, em que a forma e a estrutura têm um papel relevante frente aos condicionantes de projeto”. O estudo detém-se em dois projetos específicos: o Sony Center em Berlim, do arquiteto Helmut Jahn, e o Mercado Santa Caterine em Barcelona, de Enric Miralles e Benedetta Tagliabue. Os aspectos de projeto sobre os quais se detém a investigação correspondem, especialmente, às concepções estruturais, ao uso de novos materiais e às suas expressões tectônicas.

Em, *Um século de habitação social no Brasil: análise, referencial e relações de liberdade plástica do*

*Conjunto Residencial Marquês de São Vicente - RJ* com a produção modernista Latino-Americana, os autores Paulo Gonçalves e Wendie Requena traçam um panorama da evolução da tipologia e realizam uma comparação com a produção da América Latina, com base em um levantamento iconográfico e textual focado na qualidade do partido arquitetônico, adotado por um dos ícones da produção habitacional de cunho social no Brasil – Affonso Eduardo Reidy. O trabalho inicia-se com uma análise referente ao surgimento das Vilas Operárias, implantadas no final do século XIX e chega até a produção modernista, no século XX. Os autores afirmam que “o objetivo foi detectar e classificar os princípios e características dos objetos estudados, a fim de extrair o que de melhor houver em cada um deles, dentro do panorama das técnicas construtivas disponíveis, além de identificar conceitos e realidades político-administrativas de cada período”. Destaca-se aqui o interesse de reunir material documental acerca das práticas de produção nacional no campo da habitação social e investigar acerca da circulação de ideias que se entrecruzam com experiências de arquitetos da América Latina em épocas correlatas.

O artigo, *Novas casa de morar(2): a contribuição da construtora Cenpla*, de Ana Paula Koury discorre sobre a produção da construtora CENPLA - Construções, Engenharia e Planejamentos, LTDA, fundada em 1962, pelo engenheiro Osmar Penteadado de Souza e Silva (1928-2008). A autora

lembra que “a empresa foi responsável pelo desenvolvimento e pela construção de um conjunto significativo de habitações realizadas pelos protagonistas do modernismo paulista”, o que faz do estudo uma válida contribuição para recuperar o acervo de soluções construtivas desenvolvidas e destacar a interação entre os arquitetos autores dos projetos e o engenheiro construtor. Segundo a autora, é justamente esse ajuste bem engendrado entre o projeto e o processo construtivo que converte o conjunto de obras analisado em “*verdadeiros exemplos de canteiros de obras experimentais e interdisciplinares*” aqui apresentados de maneira clara e objetiva.

Na seção PROJETO, o trabalho dos pesquisadores Antonio Gama e Franklin Ferreira, *A questão da superposição*, surgiu da sistematização de um diálogo ocorrido entre os autores durante a organização da exposição “Um olhar sobre Rem Koolhaas”. Além de resgatar a ideia que motivou a exibição das imagens selecionadas para a mostra, os autores buscam abordar o conceito da superposição utilizado nos projetos do arquiteto holandês e sua aplicação como mote de composição da própria mostra. As múltiplas interpretações e aproximações do conceito de superposição são aqui examinadas em trabalhos de diversas áreas como escultura, pintura, cinema, música, e até mesmo a propaganda no início do século XX.

Na seção PONTO DE VISTA, em *Apropriação criativa – projeto para uma comunidade política*

*no espaço público*, Maria Isabel Villac lança luz sobre um domínio criativo e crítico do território urbano pela arte, especialmente voltado a uma população que vive em condições precárias de habitabilidade, como nas ocupações de edifícios abandonados do centro histórico, ou mesmo nos assentamentos informais da periferia da área metropolitana de São Paulo. O enfoque central dessa conduta exposta por Villac, a partir de um leque amplo de referências teóricas que aproximam Michel de Certeau (autor que, como vimos, foi abordado por Lúcia Leitão) a Vera Pallamin, entre outros autores, é a potencial ativação de um círculo virtuoso de políticas públicas entrosadas com a população envolvida, que possa superar as práticas convencionais de projeto de arquitetura e de planejamento urbano, vislumbrando um novo papel para o arquiteto e urbanista: “*trabalhar com a realidade, abandonar o espetáculo e a autoria ensimesmada, adotar um discurso que se relaciona com o mundo comum. Incorporar novas subjetividades e identidades que desejam participação efetiva na construção dos territórios e sentidos da metrópole*”.

Por sua vez, Herman Barrera e María Eugenia Castro, em *Reflexiones en torno al surgimento del paradigma sistémico-ecológico y su viabilidad para abordar problemáticas socio-ambientales y territoriales complejas*, tratam dos paradigmas da ciência, quando postos à prova pela emergência ambiental, encarada aqui como tema relevante do debate contemporâneo. Para tanto, analisam

os novos discursos, especialmente o da sustentabilidade, observando que nem sempre há uma coerência entre a fala e a ação dos atores que as proferem. Do mesmo modo, apontam a ausência de questionamentos ao sistema econômico dominante, entendido pelos autores como um dos aspectos centrais de todo o processo de degradação ambiental. Como alternativa ao encaminhamento desse debate, os autores propõem a “ecologia profunda e o eco-desenvolvimento” como novos eixos do paradigma sistêmico-ecológico. Esse enfoque possibilitaria romper o isolamento das discussões ambientais, para colocá-las no centro das decisões, estreitando os elos entre o discurso e as práticas operativas destinadas a transformar as relações “sociedade-natureza de tipo antropocêntrico” e, sobretudo, determinando que “as novas culturas adaptativas ecocêntricas e participativas” permeiem as ações locais e regionais.

Na seção EM FORMAÇÃO, *Arquitetura flexível: movimento e sistemas cinéticos*, de José Luís Silva e da Prof<sup>a</sup>. Sara Eloy, aborda a “*arquitetura cinética*”, objetivando considerar os conceitos de “variação, adaptabilidade e transformação dos espaços”, em função das necessidades dos usuários. Essa estratégia permitiria explorar a arquitetura no que concerne à capacidade de responder a novos programas funcionais. Os autores analisam sistemas cinéticos recentes, que se propõem como parte integrante da arquitetura, e discutem o papel do conceito de flexibilidade para responder às novas necessidades de uma sociedade em

constante mudança. Ademais, são apresentadas propostas de caráter cinético para edifícios cujos requisitos de uso característicos sejam, justamente, as variadas formas de flexibilidade e diferentes ocupações do espaço.

Já André Cruz e Sara Eloy em, *Será o digital um equívoco na arquitetura?*, discutem “os caminhos de investigação e prática que relacionam o uso da tecnologia digital no processo de projeto em Arquitetura e ainda a pertinência do seu uso no contexto atual nacional e internacional”. Os autores realizam uma descrição das hipóteses digitais atuais em referência ao projeto de arquitetura, analisando-as sob o ponto de vista do seu impacto no processo de projeto. Para tanto, questionam o risco de que a tecnologia digital possa vir a excluir o trabalho tradicional do arquiteto, baseado na criatividade. Por outro lado, ponderam que as novas tecnologias digitais podem se converter em trampolim para explorar a criatividade.

Esperamos que o conteúdo desta edição possa cumprir seu objetivo de promover a troca de ideias e estimular novas investigações no campo da arquitetura. ■

*Eneida de Almeida*

*Fernando G. Vázquez Ramos*